

O ano de 2024 parece ser um ano de reconsiderações. Começamos com os desastres no Sul do país, a crise climática que deixa de ser um modelo teórico de probabilidades e se torna um fato experienciado individual e coletivamente. Concomitante, a sociedade inicia movimentos mais estruturados para repensar os efeitos do uso de redes sociais e telas entre crianças e adolescentes, da mesma forma como foi obrigada a rever as consequências da tragédia climática: o impacto das redes sociais deixa de ser um modelo teórico e é experimentado na realidade com o aumento do adoecimento psíquico de uma geração. Ambas as situações trouxeram à tona um sentimento geral de reconsiderações dos modos de vida e possibilidades de proporcionar uma existência humana frutífera, tanto no aspecto coletivo quanto no individual.

Os artigos dessa edição da Revista não poderiam estar mais sintônicos com o momento histórico. O texto de Figueiredo e Zanetti discute como a sociedade, impactada pelas redes sociais, caminha para um cenário de alta performance e produtividade e os impactos na vida psíquica. Nesse contexto, de restrição à abertura existencial, discute a fenomenologia como um caminho para o resgate da complexidade e da liberdade dos modos de ser, enfatizando a importância da meditação, da reflexão crítica e do questionamento para uma existência mais autêntica e menos padronizada. Já o artigo proposto por Freire e colaboradores reconsidera a valorização da análise positivista de dados, dominante nas últimas duas décadas, e propõe a adaptação de um modelo de formulação de caso clínico para as psicoterapias existenciais/fenomenológicas que possa tanto ser um guia para os clínicos, facilitando a visualização, a organização e a leitura teórica dos casos, quanto ter um papel de organização do discurso focado na terapêutica que possa fomentar o diálogo para as linhas de pesquisa.

A tradução do texto de Saint Albert realizada por Basso e Bloc mantém a discussão da fenomenologia como uma via para a sustentação de uma teoria rica sobre a sustentação e o reconhecimento, fundamentos da existência humana, permitindo que os seres sejam valorizados pela sua singularidade, contraponto para a massificação e padronização de outras formas de pensar.

Por fim, mantenho a ressignificação do relato em primeira pessoa e da experiência subjetiva, temos o relato de um caso clínico realizado por Pimentel e colaboradores. Os autores abordam o processo psicoterápico como uma possibilidade de reabertura de potências, via de reorganização das condições de possibilidades psíquicas, a procura de uma proporção estrutural que possa dar estabilidade para o movimento.

Desejamos a todos uma ótima leitura.

Editores-chefes:

Daniela Ceron-Litvoc

Flávio Guimarães-Fernandes

Gustavo Bonini Castellana

Lucas Guimarães Bloc